

Espetáculo e Estereótipo: uma análise do quadro "De Volta Pro Meu Aconchego" do programa do Gugu

Ana Flávia Silva Nery*
Ingrid Santana Barbosa†
Verbena Córdula Almeida‡

Índice

1	O Programa do Gugu e o Viés Sensacionalista	3
2	A Busca Por Condições Igualitárias	5
3	Preconceito Implícito	6
4	Espetáculo e Estereótipo	8
	Considerações	13
	Referências	15
	Anexos	17

Resumo

O presente artigo apresenta reflexão acerca do preconceito contra o nordestino, disseminado, de modo subliminar, pelo Programa do Gugu, exibido pela *Rede Record de Televisão*, mais especificamente no quadro *De Volta Pro Meu Aconchego*. A partir da teoria do enquadramento,

*Graduanda do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz, email: aninhaneryy@gmail.com

†Graduanda do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz, email: dindizinha16@gmail.com.

‡Doutora em História e Comunicação no Mundo Contemporâneo, professora Adjunta do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz

foram observados 15 episódios do quadro em questão, veiculados nos anos 2010 e 2011. A referida análise visa destacar os enquadramentos ideológicos propagados através da mídia sensacionalista, que consequentemente podem influenciar a sociedade brasileira. Foram utilizados no processo de análise, além dos estudos sobre enquadramento de mídia outros referenciais teóricos, tais como mídia e sensacionalismo e preconceito regional.

Palavras-Chave: preconceito, nordestinos, mídia sensacionalista, Programa do Gugu.

OS meios de comunicação estão cada vez mais presentes na vida societária e não seria exagero afirmar seu protagonismo nas sociedades contemporâneas. A partir do advento da imprensa, esse processo de desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de informação assumiu um ritmo deveras acelerado. Novos meios foram sendo incorporados à vida cotidiana dos indivíduos e transformados em indispensáveis. No século 20 a televisão foi a grande vedete desse cenário e se converteu. “Ela classifica as maneiras de ver sociamente aceitas” (RINCÓN, 2006: 18). Apesar do advento da Internet e de sua consolidação cada vez mais efetiva no século 21, a televisão não perdeu o seu poder no cenário da comunicação das sociedades contemporâneas.

Entre os estudos sobre os meios de comunicação, uma grande gama está pautada no contexto da televisão, seja para promover reflexões acerca dos conteúdos que compõem os produtos que esse meio dissemina, ou mesmo para compreender os efeitos que estes produtos causam nos sujeitos que os consomem. A televisão é, não se pode negar, um “lugar da visualidade que ritualiza formas de interpretar o mundo” (RINCÓN, 2006: 18).

O fato é que essas discussões estão longe de serem esgotadas, visto que a televisão continua oferecendo inúmeros produtos, passíveis das mais diversas leituras, uma vez que, ao produzir esses conteúdos, também produz – ou reproduz – diversos discursos. Neste sentido, é interessante atentar para as inúmeras maneiras de produção de discursos levadas a cabo pelos meios de comunicação, em especial a TV, considerando o que afirma Hofmann (s/d) quando analisa o discurso enquanto constituinte da realidade: “[...] o que queremos reafirmar é

que a maneira como o discurso é produzido e, principalmente, a ênfase com que é difundido, torna-o um produtor de realidades, interferindo no modo como a consciência coletiva compreende o mundo” (s/p).

É justamente sobre esse aspecto que o presente trabalho insere a discussão sobre o discurso construído acerca dos nordestinos no Programa do Gugu, especificamente no quadro “De Volta Pro Meu Aconchego”.

O trabalho será pautado em pesquisa de caráter exploratório do tipo documental (os documentos serão 15 edições do Programa do Gugu, levadas ao ar nos anos 2010 e 2011), através da Análise de Conteúdo (AC), cuja aplicação resulta na obtenção de dados interpretativos. O *corpus* de análise será constituído por 15 histórias retratadas no quadro “De Volta Pro Meu Aconchego”, exibidas no referido programa, cujos focos se centrarão não apenas nas imagens, mas também nas chamadas ou *teasers*¹, nas falas do apresentador, bem como nas trilhas sonoras utilizadas para em cada uma das histórias.

1 O Programa do Gugu e o Viés Sensacionalista

O Programa do Gugu, que tem como apresentador Augusto Liberato, estreou na *Rede Record de Televisão* às 20h do dia 30 de agosto de 2009, e é atualmente exibido aos domingos, às 16h. Conforme descrito no site da emissora, o programa mescla entretenimento, diversão, atrações musicais e reportagens especiais. Os quadros “De Volta ao Passado”, “Prova de Amor”, “Sonhar mais um Sonho” e “De Volta Pro Meu Aconchego” são considerados os mais importantes do programa.

O Programa do Gugu pode ser classificado como um programa de auditório sensacionalista, pois é caracterizado por:

[...] produção discursiva baseada em critérios de “intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de apresentação e construção do real social (PEDROSO 1983 *apud* KRASNIEVCZ, 2001: 123).

¹Técnica utilizada como um dos recursos iniciais de uma campanha publicitária. Uma pequena peça que procura intrigar o público alvo sobre a mensagem que pretende ser passada, fazendo com que haja um interesse pela continuação do tema. Posteriormente, o assunto é esclarecido.

Marcondes Filho (1989 *apud* KRASNIEVCZ, 2001) afirma que o sensacionalismo é o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. O Programa do Gugu visa a exploração da notícia a fim de causar um sentimento de comoção e piedade nos telespectadores.

Esses programas de auditório primam pelas sensações sobre a consciência, pela emoção sobre o raciocínio. E enquanto a mídia ridiculariza as situações cotidianas de pessoas comuns, a sociedade assiste a sua exploração como se fosse natural (Krasnievicz, 2009: 2).

Outro ponto observado que atesta o sensacionalismo existente é a exacerbação de chamadas para os quadros posteriores. Conforme Guimarães (1998),

Faz parte das condições de existência de um enunciado que existam outros. Assim [a]seu caráter é necessariamente relacional. Só há um enunciado se houver mais de um. Ou seja, é impossível pensar a linguagem, o sentido, fora de uma relação. Nada se mostra a si mesmo na linguagem. Algo sozinho nunca é linguagem. Algo só é linguagem com outros elementos e nas suas relações com o sujeito. [b] Isto dá o caráter inescapavelmente histórico da linguagem (p. 74).

A partir dessa afirmação de Guimarães, pode-se dizer que essas chamadas cumprem a estratégia discursiva de valorização de elementos insignificantes. Geralmente, as chamadas já noticiam as informações essenciais do fato, restando a dramatização, o apelo emocional e um discurso repetitivo, conforme será demonstrado nas análises das histórias de nordestino(a)s apresentadas pelo quadro “De Volta Pro Meu Aconchego”. Antes, porém, busca-se contextualizar, a partir de um breve “passeio pela história”, a situação das comunidades nordestinas brasileiras ao longo da história do país.

2 A Busca Por Condições Iguais

No século 19, para evitar um confronto direto com as duas maiores superpotências econômicas e militares da época, o príncipe regente de Portugal Dom João VI decidiu vir para o Brasil com toda a sua corte. A cidade escolhida para acolher os recém-chegados foi o Rio de Janeiro, que se transformou em sede da monarquia lusitana. A construção de escolas, dos Correios, de teatros, de bibliotecas, do Banco do Brasil, além da liberação da imprensa e das atividades industriais foram algumas das principais medidas tomadas, contribuindo assim com o crescimento econômico, social, político e intelectual da população.

A partir daquele momento muitas mudanças ocorreram pelo Brasil. Porém, a atual região Sudeste recebeu os maiores investimentos, ocasionando as primeiras migrações populacionais do país. Com a construção de indústrias, houve a necessidade de ampliar a contratação de mão de obra. Deste modo, pessoas de diversas regiões se deslocaram para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

O Nordeste, que desde o século XVII se tornara uma região fornecedora de braços a outras áreas do Brasil, continuou, em toda a Primeira República, a depender da exportação de seus produtos básicos – algodão e açúcar – desenvolvendo na Bahia e em Pernambuco, sobretudo, uma indústria têxtil e de produtos alimentícios em escala regional (ANDRADE, 1982: 137).

Na década de 1930, no período republicano, plantações de café estimulavam a economia nacional. Em busca de melhores condições de vida, milhares de pessoas – principalmente provindas da região Nordeste – se deslocavam de seus lugares de origem, entretanto, não eram bem vindas nas capitais sudestinas. Ao contrário dos imigrantes italianos e espanhóis, que trabalhavam nos cafezais, os nordestinos chegavam a São Paulo desnutridos, doentes e miseráveis, sem condições para exercer trabalhos pesados, já que, em sua maioria, faziam o percurso Nordeste-Sul a pé.

Nas décadas de 1950 e 1960 o crescimento da economia brasileira ocasionou vários problemas. Conforme Andrade (1982), “do ponto de vista geográfico, provocou um grande desnível entre a região Sudeste –

São Paulo sobretudo – e as regiões do Norte, superpovoada, e Nordeste superpovoada e estagnada” (p. 171). Isso fez gerar ondas de migrações populacionais, desta vez por conta dos novos avanços na área industrial. Contudo, as empresas necessitavam de um conhecimento especializado e os retirantes não possuíam qualificação. Em decorrência dessa situação, a miséria, a criminalidade e a prostituição foram intensificadas nas periferias das grandes cidades. Sem possibilidade de retorno, essas pessoas se sujeitavam a péssimas condições de trabalho em subempregos, para garantir a sua sobrevivência e, muitas vezes, dos familiares que sustentavam.

O clima semiárido e a inconstância dos ciclos econômicos foram os principais fatores que levaram o nordestino aos grandes centros urbanos. A oferta de empregos se tornou escassa em relação à procura, acarretando o aumento das favelas, palafitas e invasões urbanas, que continuam, mesmo após a chegada do novo milênio.

3 Preconceito Implícito

Apesar de o Brasil ser considerado um país democrático, acolhedor, o preconceito – este aqui entendido nas mais diversas tipologias (racial, econômico, linguístico, religioso, etc) – está ideologicamente incutido socialmente. Analisando o preconceito regional, é notável a discriminação em relação aos nordestinos, principalmente nas regiões Sudeste e Sul. Esse preconceito é percebido de inúmeras maneiras, que variam de expressões linguísticas a agressões físicas e morais.

Muitos são os crimes cometidos contra a cidadania, e os piores e mais graves deles são: o preconceito; a discriminação; o racismo; a violência; as desigualdades sociais; a falta de acesso ao conhecimento e a informação; a corrupção; a impunidade; a indiferença e a falta de ação perante a própria existência desses crimes (BENTO *apud* PEIREIRA: 2008).

A imagem que muitos habitantes do Sudeste formaram dos nordestinos corresponde, muitas vezes, ao estereótipo de “miseráveis” e responsáveis pelo empobrecimento dessas metrópoles sudestinas – quando na verdade foram eles que mais contribuíram, com sua mão de obra barata,

para o desenvolvimento destas. Nordestinos são, em geral, retratados como símbolo de pobreza, miséria, feiura, prostituição e analfabetismo, constantemente inferiorizados por indivíduos e/ou grupos originários das regiões Sudeste e Sul. Fato recente ocorreu na eleição da presidenta Dilma Rousseff em 2010, que desencadeou em São Paulo uma onda de protestos através das redes sociais contra nordestinos que, conforme os descontentes com a vitória da candidata petista, teriam sido os eleitores nordestinos responsáveis pela derrota do candidato “tucano”, José Serra. Naquele cenário uma história em especial causou muita polêmica, pertagonizada por uma estudante de direito quando escreveu na rede que “nordestino não é gente”, entre outras ofensas. “O nordestino sofrerá muitos dos preconceitos de que é vítima por estar associados a estas imagens e a estes tipos: o nordestino será visto, quase sempre, como sendo um retirante, um flagelado ou um cangaceiro em potencial” (ALBUQUERQUE, *apud* SOUZA. 2007).

Existem ainda aqueles que afirmam não ser preconceituosos com os nordestinos que vivem em seus lugares de origem, porém, quanto àqueles que “invadem” as cidades desenvolvidas, sim. Isso pode levar à leitura de que, muitas vezes, o que gera o preconceito social é o convívio com o “diferente”, por conta da falta de respeito à diferença e à diversidade. Conforme afirma Bagno (2009), em sua obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, “os preconceitos, como sabemos, se impregnam de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e estar no mundo” (p. 96).

As redes sociais têm sido, atualmente, grandes palcos para a disseminação dessas ideias, mas, mesmo com o advento da Internet, a Televisão ainda é considerada uma grande formadora de opinião na sociedade brasileira. Esse meio de comunicação é, em muitos casos, o único acesso às notícias e mesmo ao entretenimento. Considerando o que afirma Eugênio Bucci (1997), em países cujos índices de analfabetismo e de subdesenvolvimento são consideráveis, a importância da Televisão é ainda maior, com grande influência naquilo que ele chama de “imaginário nacionalmente construído”. Na concepção de Rincón (2006),

as televisões, já que não se trata de um, mas muitas e diversas, são produtoras culturais no momento em que le-

gitimam certas tematizações da realidade, oferecem estilos de vida que permitem identificação social, constroem imagens comuns sobre a existência, promovem sonhos coletivos, propõem formas de perceber, representar e reconhecer [...] (p. 45-46).

Este autor afirma ainda que a televisão exerce o papel de sedutora “porque se comunica a partir de estruturas narrativas, convoca a partir de fórmulas de contar reconhecidas e suas mensagens são simples e efetivas” (p.49).

Através de mensagens subliminares em propagandas, telenovelas e programas de entretenimento muitas vezes é sugerido ao telespectador pensar o nordestino a partir de certa carga de estereótipos, geralmente negativos. Em consequência, muitas pessoas podem acabar absorvendo essas informações e repassando o preconceito. Como exemplo dessas sugestões, o presente artigo aponta o Programa do Gugu, exibido aos domingos, pela *Rede Record de Televisão*.

4 Espetáculo e Estereótipo

A partir da observação de 15 histórias exibidas no Programa do Gugu, no quadro “De Volta Pro Meu Aconchego”, em 2010 e 2011, é possível perceber aspectos similares, como trilhas sonoras, edição, origem dos “personagens”, entre outros, que dão corpo e caracterizam uma visão estereotipada do povo nordestino pelo referido programa.

Antes de cada episódio são exibidos *teasers*, com duração de aproximadamente dois minutos, resumindo o drama de cada família com frases de impacto, como, por exemplo: “Crianças que viveram na miséria sonham com uma vida digna”² e “Viúvo desempregado luta para criar 10 filhos”³. As imagens selecionadas procuram transmitir toda a tristeza vivenciada pelas pessoas que participam do quadro. Efeitos que deixam a imagem em preto e branco, câmera lenta e *fades*⁴ são usados

²Frase do Programa do Gugu encontrada no teaser do quadro: De Volta Pro Meu Aconchego exibido no dia 26 de junho de 2011.

³Frase do programa do Gugu encontrada no teaser do quadro: De Volta Pro Meu Aconchego exibido no dia 26 de junho de 2011.

⁴Efeito de transição na edição de imagens. Desaparecimento e reaparecimento gradual de uma imagem ou de um som, no cinema, Televisão ou rádio.

a fim de expressar melhor a miséria, dor e necessidades dos “personagens”.



Antecedendo a exibição do quadro “De Volta Pro Meu Aconchego”, veiculado no dia 24 de julho de 2011, a todo instante legendas antecipavam a história da família escolhida, como, por exemplo, “Daqui a pouco, Gugu ajuda mãe de dez filhos que passa por dificuldades”. “A manchetização desses quadros já vale por toda a notícia, o restante deles fica por conta do espetáculo, da encenação da história de vida, do choro e da súplica por ajuda” (KRASNIEVICZ, 2009: 07).

O assistencialismo e a exploração de histórias de vida são aspectos comuns na configuração desse tipo de programa.

Os telespectadores ofertam suas histórias de vida visando obter alguma ajuda, as empresas pretendem o marketing social e a propaganda de seus produtos, e a emissora lucra com o merchandising e com a audiência de milhares de brasileiros que se vêem representados nessas histórias e reconhecem no programa uma via de concretização de suas esperanças (KRASNIEVICZ, 2009: 07).

Esse tipo de espetáculo contribui para o aumento da audiência e passa a ocupar uma posição de destaque na programação brasileira. A sociedade atual é comandada pela “ditadura da imagem” (BARBOSA, 2004, *apud* KRASNIEVICZ, 2009) e, conseqüentemente, precisa ver imagens cada vez mais impressionantes para satisfazer as suas necessidades imagéticas. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997: 14).

Cada episódio dura em torno de 1h e 30min. Para preencher todo o tempo são embutidas tomadas de *merchandisings*, de passeios para as famílias beneficiadas, de procura realizada pela produção aos parentes dessas pessoas, além dos intervalos comerciais.

A trilha sonora que compõe os episódios intercala músicas melancólicas e alegres. A princípio, quando o apresentador chega à casa dos participantes, a trilha se faz dramática, na intenção de comover os telespectadores em relação àquela situação deprimente. No decorrer da história, as músicas se tornam mais animadas e remetem à impressão de que todos os problemas serão resolvidos, gerando alívio e um sentimento de realização no participante e conseqüentemente no receptor.

As análises que aqui se apresentam partem do enquadramentos, ou *frames* – entendido conforme Sádaba (2007) enquanto esquemas que fixam coberturas e que guiam o modo de entender e de narrar os acontecimentos –, processo que permite a discussão pública de determinados temas, a partir do que foi abordado pelos meios de comunicação.

Nesta perspectiva, os *frames* construídos pelo Programa do Gugu no quadro “De Volta Pro Meu Aconchego”, ao tratar da questão dos nordestinos que residem em grandes cidades no centro-sul do País, da maneira como são construídos, podem reforçar, em muitos, a ideia de que essa fração da sociedade brasileira deve retornar ao seu lugar de origem.

O “emolduramento” da problemática abordada pelo programa pode sinalizar para apenas um único ponto de vista acerca da questão. No quadro “De Volta pro Meu Aconchego” os enquadramentos utilizados para os episódios podem ser caracterizados como sensacionalistas, pois as histórias exibidas sempre são de famílias nordestinas, pobres e numerosas que passam por muitas dificuldades nas grandes cidades do Sudeste. Afinal, os enquadramentos correspondem, conforme os conceitos de Robert Entman (*apud* SÁDABA, 2007), “à seleção de alguns aspectos da realidade percebida [...] de modo que promovam definições particulares dos problemas, interpretações causais, avaliações morais, e/ou recomendações para o tratamento do assunto descrito” (p. 96-97).

Neste caso, Gugu Liberato é apresentado como o grande “salvador”, chegando a dizer para as famílias “A gente veio aqui pra devolver a dignidade de vocês”. Essa afirmativa sugere que o condutor do programa

pode acabar com as amarguras e dificuldades desses personagens sociais. Frases como “Gugu ajuda mãe de 10 filhos que passa por dificuldades”⁵ é predominante em todo o quadro.

Em todos os episódios analisados, o apresentador faz questão de entrar na casa das famílias e mostrar a “miséria” pela qual passam. Chega ao extremo de abrir a geladeira para saber se há alimento ou verificar as panelas que estão sobre o fogão, com o mesmo propósito.



Não satisfeito, Liberato faz contínuas perguntas óbvias, provocando tristeza e vergonha aos “personagens” ali apresentados. Exemplo dessa afirmação é o que acontece, respectivamente, nos episódios do dia 29 de agosto de 2010 e do dia 13 de março de 2011, nos quais Liberato pergunta: “Vocês querem voltar?”; “Chegaram a passar fome?”, “Vocês moram todos aqui? E dorme todo mundo aqui?”, mesmo após ter lido a carta com essas informações.

No episódio do dia 29 de maio de 2011, por exemplo, a produção do programa apela ao ponto de levar toda a família a um cemitério para gravar cenas próximo ao túmulo da mãe dos participantes do quadro. Gugu pergunta ao pai o que aconteceu com a esposa dele na época em que ela estava doente, sendo que o homem já havia dito isso há poucos minutos. Como se não bastasse, o apresentador aguça o sofrimento da família perguntando a uma das filhas: “Ela te falou alguma coisa antes de partir?”. Não satisfeito com o sensacionalismo, Liberato ainda pede a cada um dos filhos que beije a cruz posta no túmulo, conforme demonstra imagem abaixo.

⁵Frase encontrada no site do Programa do Gugu como título do episódio exibido no dia 24 de julho de 2011 do quadro De Volta Pro Meu Aconchego.



Para deixar o quadro ainda mais comovente – e espetacular – algumas histórias são representadas por meio de simulações, como é o caso do episódio exibido no dia 2 de janeiro de 2011, que o sofrimento de uma família que perdeu tudo em um incêndio.

Conforme Debord (2003), “O espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos meios de comunicação de massa [...] que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade [...]” (p. 15-16). Neste sentido, além do posicionamento sensacionalista – descrito acima – o quadro “De Volta Pro Meu Aconchego” fomenta, implicitamente, o preconceito contra nordestinos, contido supostamente em quantidade considerável de paulistas.

Ao se observar um pouco mais a respeito das histórias apresentadas pelo quadro, percebe-se que, em nenhum momento, são retratadas famílias que não sejam oriundas de algum estado da região Nordeste, como se pobreza, miséria, necessidade de se deslocar apenas acometessem a famílias nordestinas, quando se sabe que muitas pessoas oriundas de cidades do interior de estados não nordestinos, inclusive da própria São Paulo, migram para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Portanto, apesar de não ser uma realidade exclusiva do povo nordestino, o programa acaba apresentando como se o fosse, já que as histórias apresentadas são protagonizadas por famílias de origem nordestina.

O Programa do Gugu, visto por um lado simplório e bondoso, especificamente neste quadro, ajuda pessoas necessitadas a voltarem aos seus lugares de origem em troca somente de audiência e patrocinadores.

Porém, sob um olhar mais crítico, pode-se perceber a intenção de retirar os nordestinos do estado de São Paulo, caracterizando o preconceito. Essa percepção é ainda mais reforçada quando se analisa o referido quadro a partir de uma comparação entre os episódios mais antigos e os atuais. Nos primeiros, ao chegarem às suas cidades, os participantes eram beneficiados com uma casa, mas não com uma fonte de renda que lhes possibilitasse sua fixação. Porém, atualmente, a gama de prêmios envolve principalmente a obtenção de uma fonte de renda para a família, evitando o êxodo novamente para o Sudeste.

Considerações

Através das análises, foi possível perceber que esse tipo de produção televisiva não deve ser caracterizada como inocente, que visa somente o benefício alheio, porque, mesmo que seus produtores não tenham planejado a propagação de ideias preconceituosas, estas se fazem presentes e podem ser nocivas a ponto de gerar e/ou contribuir na reprodução de preconceitos já existentes. Conforme Loraci Hofmann (s/d):

Ao longo da trajetória humana, a consagração dos determinados modos de pensar o mundo deu-se invariavelmente da mesma forma: pela repetição do discurso. Um discurso repetido por diferentes sujeitos individuais dotados de certa influência tem a capacidade de interferir no modo de pensar e agir do sujeito coletivo.

No Programa do Gugu essa problemática se confirma. Nele, é perceptível não apenas as questões relacionadas à solidariedade, mas as histórias das pessoas oriundas do Nordeste são usadas como exemplo da desgraça vivenciada pelos nordestinos no Sudeste. Do ponto de vista do *frame*, “reforça a função dos enfoques ao selecionar e sublinhar aspectos da realidade” (SÁDABA, 2007: 96). Assim, considerando as histórias contadas através do quadro “De Volta Pro Meu Aconchego”, o Programa do Gugu mostra todos os nordestinos como miseráveis, porque em todos os casos mostrados eles saem de suas cidades nordestinas rumo a São Paulo em busca de uma vida melhor, mas sempre ficam a mercê de subempregos e, conseqüentemente, de ajuda de terceiros.

Conforme já ressaltado, é emblemático o fato de o quadro “De Volta Pro Meu Aconchego” apenas “ajudar” nordestinos, uma vez que no estado de São Paulo residem pessoas de diversas origens – e muitas delas também passam por necessidades. Essa “predileção por histórias de nordestino(a)s sinaliza para uma certa absorção de um dos estereótipos construídos socialmente a respeito dos indivíduos oriundos da região Nordeste do Brasil, e, ainda, pode indicar uma certa inclinação do referido programa quanto à “expulsão” de nordestino(a)s da região mais desenvolvida do país, como se a presença deles ali viesse a desvalorizar o ambiente. É lógico que a maneira de compreender as mediações varia de indivíduo para indivíduo. A respeito da televisão, conforme Rincón (2006), “cada sociedade se reconhece em uns gêneros que refletem melhor suas obsessões e desejos, suas agressões e possíveis pontos de equilíbrio, suas memórias e futuros [...]” (p. 42). Para ele, a televisão “é um dos cenários chave para compreender a conversação social” (p. 45).

No entanto, os meios de comunicação

não estão mediando uma realidade passivamente, [...] são parte de uma realidade social a qual contribuem com seus próprios marcos. Segundo Tony Bennett, os meios definem a realidade social. [...] que “acontecimentos” são reportados pelos meios e “o modo” como adotam seus significados orientam a forma de perceber o mundo e atuar nele (SÁDABA, 2007: 70).

A mídia sensacionalista, por meio de determinados enquadramentos, acaba contribuindo para essa desvalorização. As imagens de sofrimento, de precariedade e de miséria chegam a ser humilhantes e apelativas. A produção do programa evidencia, com os recursos de sonoplastia e mesmo com os próprios discursos construídos pelo apresentar ao logo do referido quadro, uma intenção de comover os protagonistas das histórias e assim, também, suscita as emoções dos telespectadores, “segurando”, dessa forma, a audiência.

Os artifícios utilizados na construção das narrativas acabam por desconsiderar o fato de que muito(a)s nordestino(a)s são bem encaminhado(a)s na vida, possuem boa instrução e compõe grupos importantes no mercado financeiro e na sociedade de modo geral. Ser oriundo do Nordeste não sentencia o indivíduo à pobreza, à ignorância e à miséria

retratadas no quadro do programa. Muitos produtos veiculados pela mídia precisam ser reavaliados – e este quadro do Programa do Gugu em especial – pois proporcionam uma abordagem muito reducionista da realidade e, pior, estereotipada, não contribuindo para a redução de qualquer de preconceitos.

Os programas televisivos precisam produzir materiais que divulguem com verossimilhança a diversidade cultural e regional do País, possibilitando o reconhecimento da população com o que está sendo exibido. O tratamento “diferenciado” oferecido pela mídia para a região Sudeste deveria ser igual ao dado às demais regiões. Essa desigualdade vemos expressa não apenas em programas de entretenimento como o que ora analisamos, mas é possível verificar nas abordagens jornalísticas – inclusive quando dizem respeito aos esportes (em especial ao futebol), bem como em telenovelas, entre outros. Mudança nessas formas de abordagens pelos *mass media* seria o primeiro passo para a possível redução dos preconceitos existentes.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de (1982). História Econômica e Administrativa do Brasil. São Paulo: Atlas.
- BAGNO, Marcos (2009). Preconceito Linguístico. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola.
- BENTO, S.A Maria (1990). Cidadania em preto e branco. São Paulo: Editora Ática.
- BUCCI, Eugênio (1997). Brasil em tempo de TV. São Paulo: Boitempo Editorial.
- DEBORD, Guy (1997). A sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto.
- GUIMARÃES, Eduardo (1989). Enunciação e história. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). História e sentido na linguagem. Campinas, Pontes.

KRASNIEVICZ L.; AITA P. A. (2009). Domingo (nada) Legal: mapeamento do sensacionalismo em programas de auditório. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação. Ano 2 – Edição 2 – Dezembro de 2008/Fevereiro de 2009, São Paulo.

PEREIRA, O. A. (2008). A questão do preconceito, da discriminação e do racismo numa dimensão crítica.

RINCÓN, Omar (2006). Televisão, video y subjetividad. Bogotá: Norma.

SÁDABA, Teresa (2007). Framing: El encuadre de las noticias – el binomio terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía.

Sites

HOFMANN, Loraci Tonus. Do discurso enquanto constituinte da realidade. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/loraci5.htm>. Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

Convivendo com a diferença: preconceito contra nordestinos. Disponível em: <http://www.igeduca.com.br/artigos/convivendo-com-a-diferenca/preconceito-contranordestinos.html>. Acesso em: 02 de agosto de 2011.

BARRETO, Alcieda Santos. A quebra de paradigmas sociais sobre as variações linguísticas. Disponível em: <http://centraldefavoritos.wordpress.com/2011/07/25/a-pluralidade-de-normas-regionais-sociais-etarias-e-estilisticas-registros/>. Acesso em: 02 de agosto de 2011.

SOUZA, D. Diego. O preconceito contra o nordestino no Sul e Sudeste do Brasil. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/69445/1/O-preconceito-contrao-nordestino-no-Sul-e-Sudeste-do-Brasil/pagina1.html#ixzz1Ttrhci8S>. Acesso em: 05 de agosto de 2011.

PEREIRA, Otaviano Afonso. A questão do preconceito, da discriminação e do racismo numa dimensão crítica. Disponível em: <http://neafroucb.webnode.com/news/a%20quest%C3%A3o%20>

do%20preconceito,%20da%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20e%20do%20racismo%20numa%20dimens%C3%A3o%20critica/. Acesso em: 08 de agosto de 2011.

<http://entretenimento.r7.com/programa-do-gugu/>. Acesso em: 04 de agosto de 2011.

Anexos

<http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=C6dxF9RfsOs>

http://www.youtube.com/watch?v=uH2_OMqmchs&feature=related

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2011/01/02/de-volta-a-historia-de-maria-de-fatima-e-seus-seis-filhos/>

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2011/03/13/depois-de-15-anos-levamos-uma-familia-de-volta-para-aracaju/>

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2011/05/31/de-volta-pro-meu-aconchego-ele-ficou-viuvo-e-tem-dez-filhos/>

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2011/06/27/de-volta-pro-meu-aconchego-familia-que-morou-na-rua-ganha-casa/>

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2011/07/24/de-volta-pro-meu-aconchego-muda-a-vida-de-mae-de-sete-filhos/>

<http://videos.r7.com/veja-o-retorno-de-osana-trindade-e-sua-familia-para-pindare-mirim-no-maranhao/idmedia/c872ce5857afd71a1a2f92904a364fe2-1.html>

<http://www.youtube.com/watch?v=6Jluxylig3I&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=c-q1fdRA5c8>

<http://www.youtube.com/watch?v=XhZmgmNX3Qk>

<http://www.youtube.com/watch?v=hZs9bzBb0wI&feature=related>

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2011/04/14/2383/>

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2010/09/13/jocelia-conhece-a-sua-nova-casa-em-sobral-no-ceara/>

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2011/02/14/uma-surpresa-para-a-familia-silva-de-caruaru-pe/>

<http://noticias.r7.com/blogs/gugu/2010/05/24/de-volta-pro-meu-aconchego-vai-ao-interior-do-piaui/>